



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/RÁDIO E TV**

Taila Sena de Jesus

EDUCOMUNICAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA DO TERRITÓRIO DO SISAL

Conceição do Coité - BA

2022

Taila Sena de Jesus

EDUCOMUNICAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA DO TERRITÓRIO DO SISAL

Monografia apresentada à Universidade do Estado Bahia - UNEB, curso de Comunicação Social com Habilitação em Rádio e TV, como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Rádio e TV.

Orientação: Vera Rocha.

Conceição do Coité - BA

2022

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Departamento de Educação – Campus XIV - UNEB

Jesus, Taila Sena de

Educomunicação em uma perspectiva do território do sisal. - / Taila Sena de Jesus.
Conceição do Coité: 2022.

49 f.: 30cm

Orientador: Profa. Me. Vera da Silva Rocha.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação – Campus XIV.

1. Educomunicação. 2. Educação Contextualizada. 3. Território do Sisal. I Rocha,
Vera da Silva. II. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação –
Campus XIV. III. Título.

CDD: 302.23

Ao Preto Velho que me orientou, cuidou e amou incondicionalmente, Álvaro Santos Bispo, Painho, (in memoriam), a pessoa que me ensinou a me ver enquanto povo e me organizar a partir disso. Meus ideais e minha insurgência nasceram em seu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Erenilda Souza Sena e Jurandy Bispo que acreditaram em meus sonhos e incentivaram a realização deles, mesmo que isso lhes custasse a minha presença. Sou grata pela confiança, pelas lágrimas e orações e toda proteção divina em que acreditam.

Agradeço a minha vó, Dona Marinalva, a mulher mais forte e resiliente que conheço, que fez tudo que foi necessário para que sua família sobrevivesse e vivesse, a senhora que é dona de todas as minhas melhores memórias de infância, meu exemplo de amor e afago, que junto ao meu avô Álvaro fizeram os nossos momentos juntos serem os melhores da minha vida até hoje. Agradeço por todas as pipocas com coco, arroz doce e carurus que pude participar na presença dos dois.

Agradeço aos amigos que precisei deixar para ser quem sou hoje e aos que fiz na minha (re)construção. Cheguei até aqui com a força dos meus ancestrais e incentivos dos meus amigos e amigas, em especial Nilcley Santos e sua família que me acolheram e fizeram me sentir em casa, mesmo a 390 KM da minha, Arivan Vieira, Juliana Mutti, Bárbara Anunciação, Raquel Soares, Jamara Santos, Tarrina Carolina, Sara Nidian e Keu Silva. Essas pessoas estavam ao meu lado nos inúmeros desafios que vivenciei desde o momento que ingressei na universidade.

Sou grata aos movimentos sociais de Conceição do Coité, que me orientaram no meu amadurecimento social e racial. Agradeço ao L.A.C.R.E pela importância em meu reconhecimento enquanto mulher negra e a residência universitária da UNEB Coité por ter me lembrado todos os dias nos quatro anos em que vivi nela o quanto eu mereço. Foi nela que eu aprendi a acreditar em mim e no meu potencial.

Por fim, agradeço à Vera Rocha, minha orientadora que me apresentou a educomunicação e ao Atravessando Muros e me ensinou a viver dentro da academia a partir dessa metodologia, que faz com que minha presença na universidade faça sentido e tenha propósito social. Vera me lembrava sempre de forma amorosa e sutil que a universidade, de fato, não foi feita para pessoas como eu, mas que era necessário tomar esse lugar para mim de forma estratégica, malandra e às vezes na força do ódio. O ódio move pessoas como eu, pretas e pobres que precisam ocupar espaços de poder e reafirmar sua existência no meio desse ambiente acadêmico e elitista.

“Foram as experiências dolorosas que me incentivaram a lutar para ensinar de formas que fossem humanizadoras, que animassem o espírito de meus estudantes de maneira que eles se elevassem na direção de sua peculiar completude de pensar e de ser.”

Bell Hooks

RESUMO

Esta monografia aborda a inserção da educomunicação como uma metodologia prática voltada para alunos do ensino médio e movimentos sociais do Território do Sisal. E analisa as características e objetivos do modelo de educomunicação que já é desenvolvido no território, numa perspectiva de educação contextualizada, por meio do projeto de extensão da Universidade do Estado da Bahia e movimentos sociais atuantes em Conceição do Coité.

Palavras-chave: Educomunicação. Educação Contextualizada. Território do Sisal.

ABSTRACT

This monograph approaches the insertion of educommunication as a practical methodology aimed at high school students and social movements of the Sisal Territory. And it analyzes the characteristics and objectives of the educommunication model that is already developed in the territory from a perspective of contextualized education through the extension project of the State University of Bahia and social movements working in Conceição do Coité.

Keywords: Educomunicação. Contextualized Education. Sisal territory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ENTENDENDO A EDUCOMUNICAÇÃO	10
2.1 EDUCOMUNICAÇÃO E SUAS DEFINIÇÕES	15
3 TERRITÓRIO DO SISAL: EDUCOMUNICAÇÃO NA PRÁTICA	20
3.1 O ROSTO DA EDUCOMUNICAÇÃO SISALEIRA	24
4 A EDUCOMUNICAÇÃO SISALEIRA NA UNIVERSIDADE E MOVIMENTOS SOCIAIS	30
4.1 A IMPORTÂNCIA DA CURRICULARIZAÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DO SISAL	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	42

1 INTRODUÇÃO

A educomunicação é uma metodologia discutida em toda América Latina a partir da relação educação/comunicação, que ganhou reconhecimento mundial após esforços da ONU em discutir essa relação enquanto conceito e, no Brasil, ganhou notoriedade em função das discussões realizadas por Paulo Freire, que relacionou comunicação e educação como um caminho possível para a construção de um novo modelo de ensino.

Contudo, ainda que tenha ganhado notoriedade a partir do ambiente acadêmico, a prática da educomunicação já era difundida pelos movimentos sociais em suas ações, segundo pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP) (SOARES, 2011).

Essas discussões e práticas também chegaram ao Território do Sisal, que está situado no semiárido baiano e conta com a presença do Movimento de Organização Comunitária (MOC) desde os anos 1970. Além desse primeiro, a metodologia prática ganhou espaço também em outros movimentos do território, tais como a Associação Beneficente Revolution Reggae em Conceição do Coité - BA, em parceria com o Departamento de Educação do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia, situado nessa mesma cidade.

As duas organizações utilizam a educomunicação como ferramenta para traçar estratégias de reorganização social, tendo o protagonismo de jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica situados, majoritariamente, nas periferias urbanas e rurais de Conceição do Coité. Nesse sentido, a educomunicação Sisaleira pode ser caracterizada a partir da confluência dessa metodologia com a educação contextualizada, o que implica numa relação criada estrategicamente para que se consiga alcançar os objetivos destacados anteriormente. Isto é, o uso da educomunicação combinado ao da educação contextualizada facilita o conhecimento das características do semiárido e do território para traçar uma educação alinhada à realidade desses jovens.

Desse modo, a questão central deste trabalho é analisar a dinâmica da educomunicação no Território do Sisal, o que venho conceituando enquanto “Educomunicação Sisaleira”, um movimento de análise que será realizado a partir da atuação desses grupos de movimentos sociais e do projeto de extensão Atravessando Muros. Dada a ausência de pesquisas desse tipo no território mencionado, devo

destacar que esta pesquisa pretende, também, apontar um novo caminho para o debate acerca de uma educomunicação contextualizada com o semiárido baiano. Além disso, este trabalho abre caminhos para a relação do curso de Comunicação Social - Rádio e TV do Departamento de Educação Campus XIV através de um “novo” conceito que permite uma maior aproximação com a comunidade externa, seguindo um objetivo de fortalecimento conjunto e uma possível integração da educomunicação sisaleira como prática em seu currículo.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, discuto o contexto em que a educomunicação chegou ao Brasil e sua relação no mundo, além de trazer experiências educacionais a nível nacional. Também discorro sobre o Projeto de Extensão Atravessando Muros: um diálogo possível entre a universidade e o ensino médio, bem como apresento o conceito de educomunicação a partir de autores que guiam minha discussão no decorrer do trabalho, sendo eles Ismar de Oliveira Soares e Donizete Soares.

Por sua vez, no segundo capítulo, trago relatos pessoais a partir de minha atuação como monitora do projeto de extensão Atravessando Muros ao passo que faço uso de entrevistas com as coordenadoras do MOC e do Revolution Reggae para discutir/ressaltar as características que se apresentam sobre a prática da educomunicação no território, na universidade e nos movimentos sociais, assim como identificar e analisar o público alvo envolvido nessas práticas, pois acredito que essa seja a maior das diferenças entre as aplicações.

Por fim, no terceiro e último capítulo faço uma análise acerca da participação da universidade nessa construção da educomunicação sisaleira e como ela pode se alinhar com a prática das “ruas” para fortalecer seu próprio ecossistema comunicativo e com isso repensar a sua relação com os movimentos sociais e suas práticas. Ademais, analiso a importância da curricularização da educomunicação para o território do sisal e como a união da educação contextualizada pode colaborar positivamente com a inserção de práticas educacionais no ambiente escolar.

2 ENTENDENDO A EDUCOMUNICAÇÃO

No final da década de 1990 a educomunicação ganhou força na América Latina, fato constatado mediante pesquisa feita pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), a qual realizou um levantamento sobre a temática em 12 países da América Latina com grupos e ONGs que já utilizavam a comunicação e a educação em suas atividades.

Algumas décadas antes do reconhecimento da educomunicação outros debates relacionados começaram a ganhar notoriedade, como a educação popular, que foi muito discutida e questionada, política e socialmente. Assim como a comunicação participatória, que para Horta Alves (2007), é uma forma de fazer comunicação, dialógica e multilateral, em grupos e coletivos que surgem como ambientes políticos, educacionais ou técnicos.

No âmbito epistemológico, a interface Comunicação e Educação, na América Latina, tem como precursor o filósofo e educador Paulo Freire, o qual, já nos 1960, ao abordar problemáticas relacionadas ao processo de alfabetização e formação profissional, assegurava que promover educação é fazer comunicação (MARQUES; BORGES 2016, p. 6).

Já nos Estados Unidos, a discussão “[...] tinha ganhado espaço com a denominação de *media literacy*, no início do século XX. Nesta mesma época, na Europa, movimento semelhante já se manifestava, sendo denominado ‘*media education*’” (MARQUES; BORGES, 2016, p. 4). Essas duas linhas de discussão abordam a educação como leitura crítica da mídia e mediação tecnológica na mídia, segundo Marques e Borges.

A história nos ensina, na verdade, que tanto a Comunicação quanto a Educação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação demarcados no imaginário social como espaços independentes e cumprindo funções específicas: a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade. (SOARES, 2000, p. 14).

Mas, após a união desses campos, foi aberto um novo olhar sobre as possibilidades que a educomunicação/comunicação pode trazer para ambas as áreas, pois esse novo conceito propõe uma revolução educacional somada à garantia dos

direitos de acesso à comunicação, tanto em ambientes escolares quanto em espaços não formais.

As linhas e subáreas criadas para exemplificar e conceituar a ligação dos eixos educação e comunicação servem hoje para afirmar quão densa e científica é a educomunicação. Uma metodologia que, como diz Donizete Soares (2006), é um processo detalhista e difícil de explicar. Mas, quando posto em prática, leva a resultados prazerosos de se construir.

Na Inglaterra, entre 1930 e 1965, dois movimentos se destacaram na perspectiva de análise cinematográfica como interesse cultural para educação. E uma corrente de estudos culturais se estabelece e se destaca com a perspectiva da audiência/público como fonte de mensagem e não apenas como receptora, perspectiva essa fortalecida por Stuart Hall (SOARES, 2013).

A partir disso, um terceiro movimento surge na defesa da educação continuada com um entendimento que prioriza a autonomia e inteligência crítica, defendendo que “a educação para os meios deve ser avaliada em termos de redistribuição política e social do poder” (SOARES, 2013, p. 5).

Neste mesmo período se destaca a participação da Igreja Católica no incentivo à prática de exibição de filmes em escolas e paróquias.

Como exemplos as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), além de projetos como o (Treinamento e Análise de Televisão), desenvolvidos no Instituto Metodista de São Bernardo do Campo-SP; e o Projeto de Leitura Crítica de Comunicação (LCC), da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC). (PEDROZA; MOREIRA, 2014, p. 4).

Outros países europeus também vivenciaram experiências, movimentos e articulações embasadas nos debates de mídia e educação. Como a Espanha, que se destacaram os encontros e cursos promovidos pela Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), ao longo dos anos 90, com o objetivo de formar mais educadores capacitados no estudo dos meios de comunicação (SOARES, 2013).

Vale ressaltar o papel da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no reconhecimento dos estudos de comunicação e educação como um debate possível e emergente para a época. Especialistas e representantes de governos passaram a se encontrar, a partir de 1970, em seminários e projetos da UNESCO que tinham como finalidade estudar a relação da educação

com a comunicação, que resultaram na construção de vários documentos que embasam e fundamentam projetos internacionais de pesquisa na área.

A educação para os meios foi definida, a partir de então, como uma prática pedagógica voltada ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes capazes de estimular o crescimento de uma consciência crítica e, conseqüentemente, de uma maior competência dos usuários dos meios eletrônicos e impressos (SOARES, 2013, p. 8).

Entre 1980 e 1990 outros encontros aconteceram e diversos daqueles representantes e pesquisadores compartilharam os avanços nos debates e nas práticas em seus países. Porém, tais avanços não foram efetivados pela ausência de políticas públicas que garantissem o fomento às ações educacionais que eram almejadas. Isto é, dada a existência de um modelo tradicional e, por vezes, hegemônico de se fazer a educação no mundo, a construção ou o ensino de um novo modelo aos educadores demandaria investimentos e (re)organização por parte do poder público, principalmente (SOARES, 2013).

Neste mesmo período, na América Latina, o debate de comunicação/educação se tornou popular através de Paulo Freire, “um dos pioneiros na inter-relação Comunicação/Educação, considerando a comunicação como um componente indispensável ao processo educativo” (SOARES, 2011). A partir disso, várias experiências educacionais foram e são realizadas nos países da América Latina, em especial no Brasil, país que Paulo Freire nasceu e que tanto tem tentado, através dos movimentos sociais, em sua maioria, aplicar os ensinamentos do patrono da educação brasileira e de tantos outros pesquisadores que veem na educação uma ferramenta de liberdade para as classes oprimidas.

Pensando especificamente no Brasil, é possível apontar que aqui tivemos uma experiência a nível nacional, o projeto “Mais Educação”, inaugurado em 2007, levando para as escolas a possibilidade do ensino integral e acesso a diálogos interdisciplinares para os alunos. O programa chegou alcançar 2,3 milhões de alunas e alunos em 2010 e tinha entre seus macrocampos duas áreas na interrelação comunicação/educação, que eram: cultura digital e comunicação e uso de mídias. O projeto era direcionado a escolas com índice baixo no IDEB¹ (Índice de

¹ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. O Ideb é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação

Desenvolvimento da Educação Básica), e enfrentou desafios em sua aplicação, pois a falta de professores capacitados era significativa, o que tornava ainda mais difícil a realização do projeto.

No que compete à noção de educomunicação, considero importante demarcar que acredito em um processo educ comunicativo formador de base, que seja capaz de ensinar e aprender com o processo. A liberação de recursos financeiros é fundamental para a (des)construção estrutural do ensino, mas não somente isso, o direcionamento de recursos deve vir atrelado a um planejamento e diálogo com a base. Assim, consegue-se construir projetos que visem melhorias, possibilitando a participação e a inovação, o que só é possível quando se leva em consideração os contextos diversos e plurais nos quais a comunidade escolar está inserida.

Esse recorte do que foi o Mais Educação me impulsiona a iniciar a discussão do projeto que me inspira a escrever este trabalho, o Atravessando Muros, que será apresentado no decorrer do texto apenas por essas duas palavras que tanto significam, mas que tem por título “Atravessando Muros: um diálogo possível entre a universidade e o ensino médio”.

O Atravessando Muros é um projeto de extensão, que teve início em 2019 no Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia, localizado em Conceição do Coité - BA, coordenado pela prof^a Mestre Vera Rocha. Tenho em minha mesa uma definição teórica do que é o projeto e seus objetivos, mas nesse primeiro contato quero dizer o que o projeto tem sido em minha experiência de três anos como monitora. Vejo no Atravessando Muros a esperança da tão aguardada renovação escolar, um projeto que tem se desafiado a permanecer nesse ambiente, mesmo com toda adversidade, por ser uma ferramenta que gera poder, autonomia e protagonismo ao seu público alvo: os alunos.

Mas nem sempre esse foi o público definido como o principal do projeto. Iniciamos parcerias com professores (as) da rede pública e diversos foram os entraves para consolidação de um plano contínuo. Nos deparamos com uma pandemia, no início de 2020, e nossas maiores parceiras no projeto, professoras, tiveram suas vidas engolidas pelas obrigações enfadonhas do novo modelo de ensino à distância e a conciliação de seus afazeres domésticos, que notamos não ter sido fator determinante na vida dos professores homens também parceiros do projeto.

da Educação Básica (Saeb). Disponível em <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores>>. Acesso em 20 de dez. 2022.

A parceria com professoras da rede de ensino foi uma estratégia traçada com objetivo de alcançar os alunos que, por sua vez, estavam para nós do projeto, incomunicáveis, por não estarem no espaço físico da escola. Buscar a participação de professoras como ponte de acesso aos alunos foi uma tarefa árdua e que requereu de nós muita paciência e sagacidade.

O espaço escolar já não era o mesmo, a aula não tinha sala, os alunos não tinham rostos e mais uma vez o Atravessando Muros buscou formas de garantir voz aos alunos, alunas e professoras, através da construção de *podcasts*. É muito difícil encontrar um ecossistema comunicativo pronto para as propostas educacionais e esse foi nosso maior entrave.

O projeto, assim como a prática da educação, é um ato de resistência. E o que é resistência, senão a teimosia de permanecer e continuar a busca de autonomia e visão crítica do que é o mundo a partir do diálogo, que foi, em muitas vezes, a simples atitude de se propor a ouvir os alunos. Não tem como mudar ou criar ecossistemas comunicativos sem a escuta. Parte do processo de construção da autonomia e do protagonismo se dá pela autoestima, pela confiança e crédito que os educadores e a comunidade escolar dão a esses alunos.

Um elo entre a universidade e as escolas da rede pública em Conceição do Coité tem se estabelecido, mesmo que lentamente, através das ações educacionais do Projeto Atravessando Muros, no que se diz respeito à construção de novos caminhos para uma educação que respeite a diversidade, possibilitando espaço de debate seguro entre os alunos. Enquanto praticávamos a construção de *podcast*, rádio escola, fotografia e vídeo exercitávamos a percepção do outro de forma igualitária, apesar das “diferenças”. E aprendemos a respeitar as escolhas dos alunos durante o processo. Nos colocarmos em paridade com os alunos sempre foi a estratégia mais acertada na construção do ecossistema educacional. Vimos a facilidade de abertura, por parte deles, em diálogos que em sala de aula seriam extremamente tensos. Assim, mais uma vez reforço a importância de acreditar e confiar nos alunos e alunas durante o processo.

2.1 EDUCOMUNICAÇÃO E SUAS DEFINIÇÕES

A educomunicação é uma metodologia de ensino e aprendizagem que pode ser utilizada em qualquer espaço que tenha como objetivo ensinar, capacitar e/ou formar indivíduos aptos a questionarem o meio em que vivem e, a partir disso, serem capazes de modificarem suas realidades (SOARES, 2011), assim:

Entendemos que fazer educomunicação ou realizar práticas educacionais, na medida em que isto quer dizer construir um novo discurso, é experimentar uma outra forma de convivência social. Aliás, a educomunicação, do nosso ponto de vista, é, antes de tudo, uma proposta de organização social essencialmente diferente dessa em que estamos inseridos (SOARES, 2006, p. 7)

Nesse sentido, educomunicação não é apenas a junção de duas áreas, educação e comunicação. Além de ser uma metodologia prática, ela também significa um convite para a **ação** (SOARES, 2006) completamente interdisciplinar e capaz de colaborar com a criação de sujeitos autônomos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê a utilização de tecnologias de comunicação no ensino para construção de protagonismo do corpo discente nas escolas. Entendo que a autonomia e o protagonismo fazem do aluno parte do processo educativo e não apenas um ouvinte em sala de aula, tal como acontece em um modelo de Educação Bancária². A formação de jovens e crianças protagonistas no seu processo de ensino-aprendizagem resulta em pessoas com autoestima elevada, articuladas, boas comunicadoras, conhecedoras de culturas e de sua cultura local. Isto é, a educomunicação colabora com “o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo” (SOARES, 2011, n.p).

Embora o uso das tecnologias de comunicação em sala de aula seja estimulado pela BNCC, considero necessário demarcar que a aplicação de um método educacional em sala de aula não se dá tão somente a partir do uso de tais tecnologias. Dito de outro modo, são necessárias a construção coletiva, o diálogo, a escuta e a elaboração de etapas. Não acredito que seja possível se tornar um educador apenas inserindo o celular, por exemplo, na sala de aula, é preciso

² Educação Bancária é um modelo de educação denominado por Paulo Freire como “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 2017, p. 80).

dialogar sobre esse aparelho ou sobre a falta dele, entendê-lo e assim inseri-lo nessa realidade educativa.

Continuarei utilizando o celular como exemplo de aplicação de métodos educacionais na escola pois entendo que é uma das ferramentas mais “populares” na nossa sociedade. Devo sinalizar, ainda, que ao fazer uso da ideia de “popular” para se referir ao aparelho celular não pretendo dizer que ele é acessível. Ao longo dos anos o aparelho foi se tornando insubstituível em nossas vidas e ao mesmo tempo “inimigo” nas salas de aula. Contudo, “com relação às tecnologias, o que importa não é a ferramenta disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos” (SOARES, 2011 n.p.).

Estar disposta a mudar a sua relação com o modelo de ensino escolar é desafiador, tanto para as alunas e alunos quanto para as/os professoras/es. Afinal de contas, por vezes, somos educadas a repetir o ensinamento do que é conhecido e não o questionar e muito menos construir nossos próprios conhecimentos. Então, quando propomos enxergar o celular, o “aluno problema” ou ainda o “aluno introvertido” como parte do processo de educação, o estranhamento é nítido.

Tal estranhamento faz parte do meio educacional. Quando um professor se dispõe a aprender junto ao aluno, a experiência é reveladora. A tomada das tecnologias digitais são tão evidentes e se atualizam tão rapidamente que só utilizando-as todos os dias para acompanhar essas mudanças. Quem tem acompanhado esses inúmeros aplicativos, redes sociais e programas, são os jovens alunos e alunas, então porque não fazer da sala de aula um bom lugar para discutir essas mudanças e os impactos na vida desses jovens?

Com a pandemia, a digitalização do ensino foi iminente e todos nós tivemos que nos adequar ao método de fazer uma escola digital. Nesse momento, o celular passou a ser a sala de aula. E agora? Como fazer desse aparelho, até então avesso ao ensino, o seu maior parceiro? Nesse sentido, vejo a educação como uma aliada a esse processo no qual a tecnologia já é uma ferramenta necessária para o ensino. O próximo passo seria mediar essa interação digital com o formato avaliativo, trazendo aspectos transversais que atraiam o/a aluno/a.

Ademais, utilizar das diversas linguagens da comunicação para abordar temas considerados essenciais, também pode colaborar para a construção de uma relação interessante entre o/a educador/a e o/a educando/a. Na contramão disso, foi possível

perceber professoras/as sobrecarregados/as, alunos/as desanimados/as e uma educação em crise nesses anos pandêmicos, o que pode ser explicado a partir da:

[...] resistência às mudanças nos processos de relacionamento no interior de boa parte dos ambientes educativos, reforçada, por outro lado, pelo modelo disponível da comunicação vigente, que prioriza, de igual forma, a mesma perspectiva hegemonicamente verticalista na relação entre emissor e receptor (SOARES, 2011 n.p.).

Assim, a educomunicação é uma importante aliada para o processo de descentralização de conhecimento e de horizontalidade no sistema educativo, permitindo a inclusão e impulsionando a criatividade do/a aluno/a no sistema educacional. Isto é, a interdisciplinaridade da educomunicação permite que a metodologia colabore na concepção de sujeitos críticos e socialmente corajosos na construção de seus ideais.

Além disso, essa metodologia respeita o processo do/a aluno/a, possibilitando a percepção dos seus desafios ao longo do aprendizado e construindo um ambiente no qual ele/a se sinta confortável e curioso/a para enfrentar tais desafios. A educomunicação possibilita, ainda, que esse/a mesmo/a aluno/a trabalhe suas potencialidades encontradas nesse processo de aprendizado, levando sempre em conta a qualidade da participação no processo e não apenas os resultados finais.

Um dos desafios para a aplicação dos métodos educacionais nas escolas é a necessidade de respostas à aprendizagem em um curto espaço de tempo. Por isso, é importante a discussão sobre a carga horária no ensino médio, em específico, por ser o “treino para a vida” dos/as jovens estudantes. Afinal, do que adiantaria “treinar” jovens com posicionamentos mecânicos e sem uma reflexão de suas vivências sociais?

Um dos objetivos da educomunicação é transformar os indivíduos em agentes provocadores/as de mudanças, pois ela representa um “campo de entendimento, portanto discursivo, e também de prática, portanto político” (SOARES, 2006 p. 5). A coragem de questionar modelos e decisões políticas faz com que a educomunicação contribua com o exercício da democracia e com o entendimento do sujeito como um ser político e sujeito de direito.

Importante pontuar que a educomunicação não é metódica, pois a interdisciplinaridade e a transversalidade dessa metodologia possibilitam diversas construções e percepções de um mesmo assunto ou tema trabalhado em sala de aula.

Esse é um processo único para cada indivíduo, pois as realidades vividas por cada aluno/a em uma escola são singulares. Além disso:

É o processo, rico em detalhes, cheio de incongruências, ao mesmo tempo compreensível e difícil de entender, atraente, fascinante e pleno em problemas de toda ordem... É o processo certamente denso que vale a pena ser vivido e registrado (SOARES, 2006, p. 5).

Viver a educomunicação significa estar aberto às novas formas de fazer velhos hábitos e se permitir construir novos sentidos dentro do dia a dia escolar. A empatia é uma característica dessa metodologia, que rege todas as outras alternativas do fazer ensinar.

Ainda assim, não podemos enxergá-la como um método salvador do ensino escolar, porque o processo e seus resultados estão ligados ao ecossistema que está inserido. Para Ismar Soares, "todas as formas de relacionamento com regras determinadas e rigorosamente seguidas acabam por conformar um tipo definido de ecossistema comunicativo." (SOARES, 2011, n.p.). Na construção desse ecossistema existem vários fatores determinantes, tais como a gestão escolar, as vivências extraclasse dos/as alunos/as, que possibilitam ou não uma boa experiência educacional. Destaco isso para chamar atenção para o fato de que é

[...] enganoso pensar que existam experiências "100%" educacionais, levando em conta que a prática do ecossistema educacional é processual e conversa necessariamente como em que é semeada. (SOARES, 2011 n.p.).

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) é um desafio a ser enfrentado, tanto na formação do educador quanto na utilização no processo educativo. Por trazer infinitas possibilidades, é necessário foco e um ecossistema comunicativo dinâmico na aplicação, no qual essa interação seja construída coletivamente e de forma estratégica. A garantia de acesso também é necessária na construção de um ecossistema, pois colabora com a participação de jovens e crianças no processo educacional.

Por fim, segundo Adilson Citelli (CITELLI; COSTA, 2011), o ecossistema comunicativo é o cenário pelo qual são visualizados os desafios propostos à educação, nos modos singulares de produção, difusão e compartilhamento da informação e do conhecimento em função desse cenário. Já Ismar Soares (2011),

prefere usar o termo como uma figura de linguagem para nomear um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias. Por sua vez, Patricia Barbosa e Carla Paiva (2022, p. 5) ao analisarem essas definições, afirmam que “ao ser incorporado ao campo da Educomunicação, o conceito de ecossistema comunicativo passa a configurar a interação entre as pessoas, na comunicação interpessoal, grupal e organizacional que desenvolvem”.

3 TERRITÓRIO DO SISAL: EDUCOMUNICAÇÃO NA PRÁTICA

O Território do Sisal é formado por 20 municípios, Araci, Barrocas, Biritinga, Candeal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Queimadas, Retirolândia, São Domingos, Quijingue, Nordestina, Santaluz, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente, localizados no semiárido baiano, segundo a EMBRAPA³. Em dezembro de 2021, o território possuía mais de 500 mil habitantes, sendo 58.238 agricultores familiares, 2.482 famílias assentadas, 2 comunidades quilombolas e 1 terra indígena.

O território conta com dois Departamentos de Educação da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, em Serrinha e Conceição do Coité, que juntos formaram e formam professores e professoras que atuam nas escolas estaduais e municipais de todo território. O curso de Comunicação Social - Rádio e TV se estabeleceu no Campus XIV, na cidade de Conceição do Coité, no ano de 2006. E em sua ementa tem como um dos seus objetivos, “formar indivíduos comprometidos com o exercício da cidadania e da responsabilidade social e capazes, portanto, de difundir seus conhecimentos em direção à ampla participação dos mais variados segmentos sociais” (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2012).

Entendo que as práticas educacionais estão em total acordo com o objetivo acima citado, e é esperado que a Universidade, responsável pela formação da maioria dos professores do município e do território, tenha se articulado para (re)construção de uma realidade escolar que preze pela criticidade e protagonismo do/a aluno/a no seu processo formador.

Entre os diversos projetos de extensão do Campus XIV, ativos em 2022, apenas um projeto tem o objetivo de discutir e utilizar a educação como uma prática metodológica, o projeto *Atravessando Muros*, sendo o mais novo dos projetos existentes no Departamento de Educação de Conceição do Coité. Tem atuado desde 2019, em parceria com a rede estadual de ensino desta cidade, com o objetivo geral de “promover diálogo e reflexão entre discentes e docentes da Rede Estadual de Ensino sobre temas contemporâneos, interdisciplinares e transversais (...). Além disso,

³ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Dados disponíveis em: <<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/territorios/territorio-sisal/caracteristicas-do-territorio>>. Acesso em: 20 de dez. 2022.

desenvolver junto a esse público a expressão do pensamento através de outras linguagens” (ROCHA, 2022).

Essas outras linguagens foram inseridas na escola a partir de oficinas de vídeo, fotografia e *podcast*. Desde o seu início, o Atravessando Muros tem atuado no Colégio Estadual Polivalente de Conceição do Coité, que é o maior colégio do município. Em 2019, 39 alunos se inscreveram para participar das oficinas, que seriam no turno da tarde, atendendo aos alunos da manhã, em seu turno oposto de aulas, contudo, apenas 10 alunos permaneceram até o final da edição. Acredito que o número relativamente pequeno de participantes ativos se deu por dificuldades enfrentadas pelos alunos/as, tais como a falta de transporte no horário em que as oficinas do projeto aconteciam e a necessidade de trabalhar para colaborar com as despesas familiares.

Obtive como resultados desse primeiro contato com a escola jovens que se dispuseram a, literalmente, atravessar os muros da escola e conhecer a universidade, não como meros visitantes, mas como pessoas críticas e criativas. Foi possível presenciar momentos em que os/as alunos/as do projeto transitavam na universidade livremente a ponto de usarem a biblioteca da universidade para estudos e leituras, dessa forma, praticando a autonomia e o pertencimento ao espaço. Hoje, três anos após o final da primeira edição do projeto, alguns desses alunos/as voltaram à UNEB como vestibulandos/as no Projeto Universidade Para Todos - UPT, com objetivos traçados para o ingresso em universidades.

Acompanhamos o desabrochar de 10 jovens a partir de práticas educacionais. Durante as oficinas, a vontade de emitir opiniões, participar, divergir e descobrir eram nossas maiores aliadas. No decorrer do processo, inúmeros relatos sobre o cotidiano escolar e, às vezes familiar, dos alunos/as impulsionavam nossas discussões sobre o meio em que estávamos inseridas. O que é algo inerente à educação na medida em que ela:

[...] caracteriza-se não pelo interesse em respostas supostamente definitivas para os problemas que diuturnamente se nos apresentam, mas pelo aguçamento das contradições... Se entendermos por fim algo sobre o qual se tem clareza – as ações são pautadas pela intencionalidade – então, alterar a realidade em que se vive é o objetivo principal da Educação (SOARES, 2006, p. 7).

Em uma tentativa de discutirmos o ambiente escolar como ele era, sugerimos um exercício no qual os alunos/as deveriam fotografar algo que correspondesse a escola que se tinha e a escola que queriam. Tivemos acesso a uma quantidade de desejos um tanto sérios e cheios de personalidade. Ao invés do que se espera de um aluno, que provavelmente viesse a desejar uma escola sem professor ou atividade de casa, nos deparamos com alunos que desejavam uma escola participativa, construída a partir do diálogo e da diversidade. Isto é, os/as alunos/as (re)construíram um ambiente escolar visto como ideal, com professores dispostos a ouvir, bem estruturado física e tecnologicamente.

Entre os anos de 2020 e 2021 precisamos nos reinventar e, assim como as escolas, partir para intervenção tecnológica como mediação. A adesão foi extremamente baixa por parte dos alunos, que também estavam sem acesso à escola e às aulas por causa da pandemia de COVID-19, que matou cerca de 688 mil pessoas no Brasil. Nesse período incerto, o Atravessando Muros buscou parcerias com professoras e professores com o objetivo de colaborar com essa inserção abrupta do ensino remoto na realidade escolar.

Realizamos oficinas de produção de *podcasts* que os ajudassem a construir alternativas dentro dessa nova sala de aula e dialogar com seus pares sobre os desafios enfrentados naquele período. A exemplo disso, tivemos o terceiro episódio do podcast Atravessando Muros, que abordou diversas questões enfrentadas por professores durante a pandemia, construído com a participação de três professores da rede pública de ensino, ocasião em que relataram as dificuldades de acesso à internet por parte dos/as alunos/as, o que, conseqüentemente, esvaziava as salas de aulas remotas e o crescimento do uso do *WhatsApp* com meio de comunicação da comunidade escolar. Além disso, relataram sobre a mudança de carga horária. Com o celular sendo o único meio de comunicação com os alunos, não havia mais limites de horários, visto que as suas próprias casas se tornaram o local de trabalho.

Os/as alunos/as também participaram da construção de *podcasts* durante esse período. Em uma tentativa de interação com seus colegas e de reflexão sobre o momento que estavam inseridos, deram voz a série Educação na Pandemia⁴, na qual alunos/as do território puderam contar suas experiências escolares durante a pandemia.

⁴ Disponível em: <<https://soundcloud.com/atravesando-muros>>.

Ainda em 2021, o projeto alcançou um novo público como mais uma estratégia de aproximar as práticas educacionais das escolas na pandemia. Este novo público foi os alunos de licenciatura que estavam em contato com a sala de aula em disciplinas de estágio e que, por conta do contexto, enfrentavam o desafio de lidar com o ensino híbrido. Assim, ministramos oficinas de produção de *podcast* com intuito de que esses jovens licenciandos/as conseguissem produzir em suas salas de aula conteúdos interativos e acessíveis, pois o *podcast* poderia ser ouvido de qualquer lugar depois de recebido pelos alunos/as. Então, durante as oficinas dialogamos sobre a necessidade de curricularização e implantação de práticas educacionais nas salas de aula.

Ao retornarmos à universidade em 2022, tivemos mais um desafio a ser enfrentado, a escola se tornou um lugar extremamente novo, novos hábitos, novos sentimentos e nova direção. Reiniciamos o contato com a escola no intuito de construir uma rádio escolar, na qual os alunos/as pudessem dar voz a essa nova escola e novos sentimentos. Tivemos 26 inscritos, mas apenas 4 alunos frequentam o projeto desde então. Não temos alunas nesta edição, o que para mim é entristecedor e revoltante. Quando adolescente, não pude participar de projetos como esse, por ser uma jovem rural e não dispor de transporte para frequentar a escola no período oposto.

E esse ainda é um dos motivos dessa não adesão ao projeto. Nesta edição, os encontros acontecem pela manhã e atendem alunos do turno da tarde, que em sua maioria são alunos oriundos de comunidades rurais. Nessa turma, alguns desafios ainda são os mesmos de 2019, como a falta de equipamentos tecnológicos na escola, que dispõe apenas de caixa de som e TV, fazendo com que o momento prático da construção dos programas da rádio escolar seja na UNEB, dada a impossibilidade de serem realizados no espaço escolar.

Outro desafio na construção da rádio escolar⁵ é a falta de participação e incentivo por parte dos professores/as. Contamos com a colaboração da administração da escola, mas a interação com os educadores ainda é um tabu dentro da rádio que está sendo construída. Observamos que, a partir da construção e exibição do primeiro programa da rádio escolar, o interesse de outros alunos aumentou e desejaram colaborar com as novas pautas dos programas seguintes, que

⁵ Conheça a rádio escola Poli No Ar: <<https://instagram.com/poli.noar?igshid=ZmRIMzRkMDU=>>>.

apesar de ter 4 alunos coordenando a construção, já possui outras tantas vozes e ideias da comunidade escolar.

Em suma, o movimento de construção de uma rádio escolar cria e reforça o protagonismo dentro da escola, ajudando na construção de um ecossistema comunicativo participativo e de valorização da realidade dos alunos/as, além de ser um importante espaço de respeito às suas diversas opiniões. O que o Atravessando Muros tem germinado dentro da escola é esse modelo de ecossistema, que dá voz ao aluno/a, possibilitando o compartilhar de ideias. Esses alunos/as quando retornam para sala de aula, não retornam como ouvintes, mas passam a ser o principal agente de mudança e multiplicação desse modelo de ecossistema.

3.1 O ROSTO DA EDUCOMUNICAÇÃO SISALEIRA

Já pontuei o quanto a prática educomunicativa tem sido difundida na América Latina, principalmente pelos Movimentos Sociais, e no Território do Sisal essa realidade não é diferente. Os Movimentos Sociais têm um papel importante na disseminação da prática educomunicativa como forma de liberdade e na criação de novas possibilidades e olhares sobre o local em que se vive.

O semiárido baiano, assim como todo o Nordeste, é estereotipado como terra infértil, lugar onde não se tem água e tampouco educação, assim, “para a mídia, ser/viver no semiárido ainda é sinônimo de incapacidade, não inteligência, passividade e de não ser sujeito da sua própria história” (SILVA; SANTANA, 2013, p. 147).

A partir dessa construção social do que é o semiárido e, conseqüentemente, o Território do Sisal, o Movimento de Organização Comunitária (MOC), que atua desde 1967 no semiárido baiano, tem como prioridade ações no campo da incidência em políticas públicas, participação social, convivência com o Semiárido, agroecologia, relações sociais de gênero, economia solidária, educação do campo contextualizada, soberania/segurança alimentar e nutricional, desenvolvimento sustentável e direito à comunicação. A partir desses eixos, a organização realiza práticas educomunicativas com objetivo de integrar e construir com as pessoas “conhecimento sobre sua própria realidade, com intuito de transformá-la”⁶.

⁶ Conheça o MOC em: <<https://www.moc.org.br/o-moc>>.

Entre os tantos projetos que a instituição coordena, o Consórcio das Juventudes tem sido uma ferramenta importante na aplicação de práticas educacionais em comunidades do Território do Sisal. Para Vaninha Cunha, técnica do MOC e coordenadora do Consórcio das Juventudes, o projeto:

[...] é a junção das experiências, expertise e defesa de direitos voltado para crianças e adolescentes a partir do desenvolvimento sustentável a partir também da educação contextualizada e da proteção aos direitos (CUNHA, 2022)⁷.

Dentro desses campos de atuação que são citados, a educação tem sido metodologia e prática do Consórcio para alcançar alguns objetivos, como a busca por autonomia e protagonismo desses jovens e crianças que podem vivenciar e construir uma nova perspectiva do que é viver no Território do Sisal.

Durante o processo de construção do projeto que deu vida ao Consórcio, os jovens⁸ envolvidos nessa construção aplicaram questionários em suas comunidades para que pudessem agregar ao projeto ferramentas que, de alguma forma, fossem respostas a esses anseios e, por isso, viver no Semiárido de forma digna é um debate presente nas discussões e formações do Consórcio, nas quais as práticas de educação são utilizadas no sentido de reconstruir o imaginário e dar novos sentidos aos signos referente ao Território do Sisal (CUNHA, 2022).

A educação aliada a educação contextualizada é uma base importante formadora desses novos sentidos e sentimentos sobre o que é viver no Semiárido. Esse projeto tem acesso a discussões que fortalecem um modelo de ensino voltado à valorização do lugar e de sua autoestima, estimula o desejo de crianças e jovens a sonhar, permanecer no território e crescer com ele. Segundo Vaninha, essa junção é muito importante pois:

educação ela é uma ferramenta, uma metodologia e tá dentro das ações do consórcio, mais precisamente no segundo objetivo que é o objetivo que a gente trabalha com educação contextualizada e se a gente trabalha com a educação a partir da sua realidade e da sua base a gente entende que a comunicação ela é necessária para a gente contar nesse processo educacional para repensar aquela realidade (CUNHA, 2022).

⁷ Entrevista disponibilizada na íntegra nos apêndices desta pesquisa.

⁸ São jovens rurais, em sua maioria jovens negros e negras.

A educomunicação feita no Território do Sisal tem um caráter identitário na busca por garantia de direitos e fortalecimento da cultura local. O que o MOC tem feito, a partir das ações do Consórcio das Juventudes, é a desestruturação do estereótipo criado sobre o semiárido, é a construção de um novo olhar. Onde se via seca e infertilidade, hoje se vê um povo sábio e resistente, capaz de tirar da terra seu sustento. Onde se via um povo sem estudo, hoje é possível ver criticamente o modelo de política que foi construído para esse território, baseado no coronelismo, que impossibilita que jovens e crianças tenham acesso à educação de qualidade. A partir desse novo olhar, o semiárido tem se erguido, numa busca por reconstrução do território através da garantia de políticas públicas que desfazem todo discurso de ódio e estigma imposto sobre esse povo.

Desafios e entraves também fazem parte da realidade do MOC, que tem trabalhado a educomunicação dentro dos seus projetos como ferramenta, pois é impossibilitado de angariar recursos para projetos que tenham a prática da educomunicação como objetivo principal. A política de desmonte de projetos tem sido o maior desafio da instituição. Segundo Vaninha, atualmente o MOC não tem projetos com financiamento federal, apenas projetos com períodos curtos de duração que vão se articulando e pleiteando novos editais a fim de se manter. “O contexto que a gente vivencia hoje e todo o contexto que a gente vê de perda de direitos a partir de 2016. A partir do golpe da presidente Dilma as instituições sofrem uma grande queda orçamentária” (CUNHA, 2022). O financiamento a esses projetos possibilita inúmeras ações, como deslocamento desses jovens para as formações, acesso à internet, aos aparelhos eletrônicos e assegura a presença da instituição no território.

Outra instituição presente no Território do Sisal, especificamente em Conceição do Coité, é a Associação Beneficente Revolution Reggae, que tem atuado, desde 2003, no enfrentamento a todo tipo de violência contra a população negra, assim como a fome e o abuso de drogas. Os integrantes da associação sempre tiveram a educação como aliada na busca por garantia de direitos e efetivação desses enfrentamentos.

Assim, passaram a pensar na necessidade de ocupar os debates de comunicação a partir da candidatura política de uns dos fundadores da instituição, Xande Revolution e, desde então, a relação com a comunicação passou a ser também lugar de disputa, não só de política partidária, mas também disputa de narrativa.

O Revolution Reggae é uma instituição periférica, feita com a participação de um povo marginalizado. Logo, a narrativa construída acerca da candidatura de Xande Revolution era a mesma empregada a esse povo. A partir disso, a associação buscou aliados para (re)construírem suas histórias a partir do que se tem de melhor na periferia, seu povo.

Diversas formações políticas aconteceram até a primeira candidatura de Xande Revolution, mas foi a partir dela que a instituição se aliou à UNEB e passou a integrar seus jovens associados a formações no âmbito da comunicação, como uso de CorelDraw, Excel, Word e tantas outras linguagens tecnológicas.

Não adiantava os meninos participarem de uma oficina Corel Draw, do uso do computador em si, uso das meios de comunicação e das redes sociais por usar, tinha formação sobre construção política sobre quem eles eram, onde estavam e tudo isso eu acredito envolve esse processo da **educomunicação**, para além disso os meninos que participavam dessas oficinas, eles também estavam atrelados a outras formações, outros projetos, outras conexões, outras redes (SILVA, 2022)⁹.

Em 2013, a associação lançou o projeto *Revolução da Gente* que, segundo Keu Silva, atual presidente da associação, é o marco do início das práticas educacionais na instituição. O projeto contava com várias oficinas de formação para crianças, adolescentes e jovens das periferias urbanas e rurais de Conceição do Coité, entre elas reforço escolar, aulas de violão, percussão, grafite e a Rádio Revolution.

Depois nós vamos nos aprofundando dentro do programa da UNEB e passamos a entender que a voz da periferia precisava ser ampliada com a Rádio Revolution e aí os meninos quando iam produzir conteúdo da rádio eles tinham que pensar que não seria qualquer conteúdo, existia um propósito, então isso é uma formação de educação e era a comunicação ao mesmo tempo (SILVA, 2022).

Assim como na construção da rádio escola proposta pelo Atravessando Muros no Colégio Polivalente, a Rádio Revolution tinha o objetivo de gerar autonomia para a associação. Em Conceição do Coité, a cultura de rádios comunitária é muito forte e perdura até hoje, mas uma rádio comunitária e identitária não conseguiu resistir por muito tempo. Os jovens que geriam a rádio precisavam trabalhar e sustentar suas

⁹ Entrevista com Keu Silva, presidente da associação Revolution Reggae, disponível na íntegra nos apêndices desta pesquisa.

casas, e a falta de financiamento sempre foi uma dificuldade enfrentada pela associação. Logo, esses jovens precisavam trabalhar fora da instituição e com isso sobrava pouco ou nenhum tempo para a gerência das atividades. Ainda hoje esse é o maior desafio da Associação.

Se a gente garantir um recurso para dar continuidade a um projeto tudo fica mais fácil porque capital humano a gente tem, temos muitos profissionais de alta qualidade então se a gente tivesse esse recurso esses profissionais não precisaria estar se dividindo em um trabalho convencional, estariam atuando na instituição e recebendo um salário com valores que vão de acordo com as intervenções (SILVA, 2022).

Quando questionei a Keu Silva sobre os objetivos alcançados a partir de práticas educacionais ela me contou sobre John, um jovem periférico, que foi resgatado do tráfico de drogas pelas insistentes ações do Revolution no enfrentamento às drogas e ao tráfico, *“a partir de informações sobre o Corel Draw, John assume um papel dentro da instituição do Revolution, cria a marca dele e começa a produzir camisetas para a instituição e vendia para todo mundo”*.

Infelizmente, John faleceu em um trágico acidente em 2018, mas toda a trajetória dele mostra como a intervenção dessa comunicação de identidade foi imprescindível para o seu processo de desenvolvimento pessoal. Outros jovens também foram citados nesse diálogo sobre resultados alcançados, entre eles um jovem que, a partir da intervenção artística do *Projeto Não Sou Suspeito*, iniciou estudos sobre fotografia e hoje se desafia a fotografar o povo preto a partir de um novo olhar. O projeto tinha como objetivo questionar o perfil sócio-cultural e econômico das pessoas abordadas pela Polícia Militar ou discriminadas por parte da mídia e da opinião pública durante protestos, manifestações e/ou na vida cotidiana.

Segundo Keu Silva, outro objetivo importante alcançado foi *“olhar para um Barreiros¹⁰ da vida e não ser visto só como referência de violência mais de um lugar que hoje tem uma instituição que é referência e isso está ligada à autoestima daquelas pessoas e várias outras pessoas”*.

O Revolution Reggae utiliza a educação como ferramenta para a educação dos jovens, hoje multiplicadores das ações de enfrentamento e afirmação do seu pertencimento dentro do Território do Sisal, pois a comunicação da associação toma um caminho construído a partir do processo de retratação da associação

¹⁰ O Barreiros citado é o bairro em que está localizada a sede da instituição.

enquanto instituição organizada e peça importante no debate racial em Conceição do Coité e em todo território.

Apesar dos 19 anos de atuação do Revolution Reggae e de parcerias com instituições de ensino superior como a Universidade do Estado da Bahia, Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), o Revolution ainda carrega consigo os estereótipos de marginais, usuários de drogas, grupo violento ligado a facções, arruaceiros, oportunistas. Esses estigmas se dão pela instituição ser constituída por pessoas pretas, periféricas rurais e urbanas, rastafaris, LGBTs, que fazem questão de reforçar suas ancestralidades e a partir disso reafirmar seu papel de enfrentamento ao racismo, que resulta em extrema violência às comunidades negras por parte dos poderes públicos e forças policiais de Conceição do Coité.

Por fim, as práticas de educomunicação aplicadas tanto pelo Revolution quanto pelo MOC tem como base a busca por construir novas narrativas e dar voz à população sisaleira no intuito de colaborar com a elaboração de um território forte e capaz de pensar criticamente sobre sua realidade a fim de mudá-la. Tanto no ambiente escolar quanto nas ruas das comunidades periféricas de Conceição do Coité, o desejo que pulsa é o de ser sujeito do seu próprio destino, sem depender de estigmas ou regras impostas do que é e tem que ser o povo que vive no Território do Sisal.

4 A EDUCOMUNICAÇÃO SISALEIRA NA UNIVERSIDADE E MOVIMENTOS SOCIAIS

A educomunicação que o Atravessando Muros propõe em Conceição do Coité é muito parecida com a praticada pelos movimentos sociais, que buscam possibilitar autonomia aos indivíduos e as comunidades em que estão inseridos. Ainda assim, se diferem a partir do momento em que a aplicação da prática do Atravessando Muros se restringe ao ambiente escolar, no qual o público alcançado é reduzido e assim não se alcança de fato os alunos e alunas que necessitam ainda mais dessa experiência.

Quando me refiro a alunos que necessitam viver a educomunicação estou falando de alunos que estão em um lugar de invisibilidade, por serem mais pobres do que os alunos que frequentam ou já frequentaram o projeto. Meninas que não podem frequentar a escola no turno oposto por serem responsáveis pela casa para que seus pais possam trabalhar; alunos/as negras que não se sentem capazes de frequentar um projeto que incentiva o uso de tecnologia e os coloquem em evidência na escola e/ou jovens rurais que são refém de uma política de apagamento social de afastamento do centro da cidade.

A educomunicação não pode ser transformada em um conceito com abrangência exclusivamente institucional, uma vez que ela é uma metodologia para as ruas, as periferias, comunidades e quilombos. Segundo Ismar Soares (2011), a educomunicação é essencialmente práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade.

Então é necessário que uma instituição como a UNEB, que se propõe discutir e utilizar essa metodologia, vá até as comunidades. Se o desejo é construir um ecossistema comunicativo nas escolas, penso que é necessário buscar escolas que se enquadrem no padrão de minoria, tais como escolas rurais ou escolas dentro das comunidades periféricas de Conceição do Coité.

No centro da cidade, a prática educacional é vista como mais um projeto, mas, se formos para as escolas marginalizadas, a prática possuirá outro significado, outros contornos. Exemplo disso são os resultados alcançados pelos movimentos sociais nesta aplicação, como a grande quantidade de jovens multiplicadores do MOC, que ingressaram e se formaram nas universidades a partir da sua aproximação com o movimento e hoje permanecem no território em busca da garantia de seus direitos.

Os caminhos e estratégias adotados pelo Atravessando Muros precisam ser reavaliados no sentido de que o público alcançado por três anos talvez não seja o público ideal para a aplicação do projeto. Conceição do Coité e o Território do Sisal necessitam de uma educomunicação pensada para a minoria e é necessário traçar estratégias para chegar até essa minoria, pois a escola não é um espaço de fácil acesso nem permanência para pessoas pobres, pretas de periferias urbanas e rurais.

Uma boa aplicação da educomunicação requer, para muito além do domínio teórico, uma certa vivência dela enquanto uma ferramenta prática, o que pode ser mais desafiador para projetos universitários que nasceram em um ambiente no qual o incentivo à competição e o louvor ao individualismo é natural. Para isso, é importante a formação e integração de monitores dentro da educomunicação para que se crie também um ecossistema comunicativo dentro do projeto. A escolha da equipe é essencial para que haja uma boa aplicação da prática, mas que também se alinhe à escola e aos alunos/as que farão parte do projeto.

O protagonismo dentro de projetos educacionais deve ser da educomunicação e do público alvo e não de indivíduos particulares. Gosto sempre de lembrar de uma frase que desde o início do Atravessando Muros nos acompanha: “se eu sei, você também sabe”. Essa frase guiou toda nossa formação, na qual foi possível partilhar conhecimentos práticos sobre comunicação com meus colegas e aprender práticas para utilizar em salas de aula. Esse é um ponto que funciona tanto na prática da educomunicação em instituições quanto nas “ruas”, fazendo com que todas as pessoas envolvidas no projeto se sintam capazes e com isso consigam desenvolver novas habilidades, e partilhar as que já possuem.

A universidade carrega/multiplica padrões burocráticos e hierárquicos em suas formações acadêmicas, com isso é necessário (re)avaliar como projetos com proposta educacionais se mantêm e se posicionam nesse ambiente. É fundamental que a prática educacional também chegue na universidade como conceito basilar e formador ou então a existência e permanência de projetos como o Atravessando Muros pode sofrer sufocamento por parte da universidade, fazendo com que ele não consiga espaço acadêmico, por não ser visto como ciência, nem social, por não ter apoiadores/monitores suficientes para conseguir alcançar públicos externos à universidade.

Para nos comprometer com a tarefa de transformar a academia no lugar onde a diversidade cultural informe cada aspecto do nosso conhecimento, temos que abraçar a luta e o sacrifício. Não podemos nos desencorajar facilmente. Não podemos nos desesperar diante dos conflitos. Temos que afirmar nossa solidariedade por meio da crença no espírito de abertura intelectual que celebre a diversidade, acolha a divergência e se regozije com a dedicação coletiva à verdade (HOOKS, 2013, p. 50).

O fazer educomunicação da universidade necessita se espelhar mais no fazer educomunicação dos movimentos sociais e ir aonde a discussão e a prática precisam chegar. Mudar a estrutura da universidade é muito importante para a garantia da utilização da educomunicação de forma mais efetiva no meio acadêmico, mas isso é o que a universidade precisa fazer por si. O que precisamos fazer pela educomunicação sisaleira é utilizar a universidade que temos, dentro de suas possibilidades, como ferramenta de multiplicação da prática nas escolas periféricas e comunidades rurais.

O objetivo pode e deve ser o mesmo, mudar a realidade, estimular o movimento de pensar criticamente e gerar autonomia, mas o caminho precisa ser outro. Não dá para dialogar dentro das escolas apenas com os/as alunos/as, é necessário discutir o desejo de construir um ecossistema comunicativo com a base, com quem dá forma à escola. Se não há um interesse por parte da gestão escolar e dos professores e professoras em construir esse novo olhar, dificilmente os alunos e alunas se sentirão atraídos e incentivados a participarem dessa mudança de forma ativa.

Em suma, a educomunicação sisaleira precisa ser uma crescente, que impulse os jovens a acreditarem em si, que reestruture as bases, movimente as minorias e precisa ser pensada para, pelas e com as minorias. Enquanto pensarmos a educomunicação como um conceito institucional, não alcançaremos a metodologia prática que esse território precisa.

4.1 A IMPORTÂNCIA DA CURRICULARIZAÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DO SISAL

A educomunicação se tornou uma possibilidade dentro da sala de aula a partir do uso das TICs. Conforme já pontuei ao longo deste trabalho, esse uso é previsto e indicado pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC como uma competência específica, a fim de que os alunos desenvolvam protagonismo de forma crítica e criativa.

Pretende-se também que sejam capazes de participar ativamente dos processos de criação nas linguagens das artes visuais, do audiovisual, da dança, da música e do teatro e nas interseções entre elas e com outras linguagens e áreas de conhecimento. Nesses processos, espera-se que os estudantes considerem suas experiências pessoais e coletivas, e a diversidade de referências estéticas, culturais, sociais e políticas de que dispõem, como também articulem suas capacidades sensíveis, criativas, críticas e reflexivas, ampliando assim os repertórios de expressão e comunicação de seus modos de ser, pensar e agir no mundo (BRASIL, 2018, p. 498).

A educomunicação como metodologia e prática pode mediar essa inserção de tecnologias e comunicação nas salas de aula, além disso, garantir a horizontalidade e autonomia do alunado no processo educacional, já que ela tem por objetivo a ampliação do ensino em uma perspectiva social e comunicacional.

No contexto atual, marcado pela crescente utilização das tecnologias digitais, é extremamente relevante inserir uma linguagem tecnológica no ambiente escolar, dada a sua facilidade em abordar temas contemporâneos e contextualizados. Além disso, o processo educativo ocorre de diferentes formas, portanto, propor uma educação atenta às questões atuais se revela demasiadamente significativo, pois possibilita ao aluno maior autonomia e senso crítico diante da sua realidade.

A perspectiva de educação contextualizada parte do entendimento que é necessário respeitar a diversidade que compõe a sociedade atual. Portanto, não cabe mais nos currículos escolares conteúdos universalizantes e alheios a realidade dos alunos.

As metodologias de educação contextualizada se particularizam por serem meios de conciliar os processos educacionais das escolas à vida real e prática dos alunos. Associar o que se aprende na escola com as experiências vividas na realidade é uma forma de relacionar a teoria e a prática, permitindo que os alunos atribuam maior aplicação e sentido ao que é ensinado (FARIAS; MARQUESAN, 2016, p. 6).

Nesse sentido, a educomunicação apresenta-se como ferramenta importante para inserir a discussão de conteúdos pertinentes e adequados ao contexto em que a escola se insere. Outro ponto importante é a possibilidade de o aluno ser, além de receptor, também produtor de conteúdo, expressando suas experiências, aquilo que o afeta e lhe constrói enquanto sujeito social.

Quando discuto contextualização tenho sempre em vista o conceito empregado por Josemar Martins, para o qual:

Contextualizar, portanto, é esta operação mais complicada de descolonização. Será sempre tecer o movimento de uma rede que concentre o esforço em soerguer as questões “locais” e outras tantas questões silenciadas na narrativa oficial, aos status de “questões pertinentes” não por serem elas “locais” ou “marginais”, mas por serem elas “pertinentes” e por representarem a devolução da “voz” aos que a tiverem usurpada, roubada, negada historicamente (MARTINS, 2006, p. 43).

A inserção de práticas educomunicativas, aliada à educação contextualizada nas escolas do Território de Sisal, reforça ainda mais a incidência política das juventudes desse território, o que possibilita o fortalecimento dos movimentos sociais. Entendo que fazer do povo desse território um povo forte e crítico não é a vontade das oligarquias que possuem o privilégio e monopólio das vagas de emprego que aqui existem, sejam em suas fábricas exportadoras do sisal ou nas prefeituras das cidades, que persistem em fazer dessas terras o seu reinado, no qual a hegemonia na economia segue sendo suas maiores estratégias de garantia de poder e narrativa no território. Assim:

A educação desenvolvida no semi-árido deve contribuir para construção de um outro cidadão/cidadã que consegue se afirmar enquanto sujeito social e político que toma consciência da sua história e da história de sua região, reconstruindo sua identidade e sua cultura a partir de um olhar crítico sobre representações construídas historicamente sobre as pessoas e a cultura do semi-árido (LIMA, 2006, p.41).

Para que alcancemos esse modelo de ensino no território é importante a aliança da prática educomunicativa à educação contextualizada, conforme venho reforçando, para que haja um resgate da cultura sisaleira, unida aos avanços tecnológicos no ensino e na efetivação da presença cultural desse povo nos meios digitais. Vivemos onde o mundo real e o mundo digital não são mais lugares distintos, o digital e o real se embarçam e se unem em um único mundo. A sociedade contemporânea é marcada cada vez mais pela inserção, em larga escala, das mídias digitais no nosso cotidiano. Essas mídias mediam todas as nossas relações ao passo que também afetam a nossa maneira de nos posicionar no mundo. Ou seja, as mídias não são meros artefatos a serviço da nossa vontade, mas são linguagens bastante definidas capazes de gerar em nós diferentes formas de comportamento. “A extensão do ciberespaço acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e da sociedade” (LÉVY, 1999, p. 49). Das substâncias e dos objetivos voltamos aos processos que os produzem, e por isso é tão importante a ocupação dos espaços

digitais para utilizá-los como ferramentas pedagógicas e também como local de direito, nos quais são possíveis reescrever e, muitas vezes, regravar a história de um território.

Vejo naquelas tentativas e experiências do MOC, Revolution Reggae e do projeto de extensão Atravessando Muros, citados no capítulo anterior, um caminho traçado para a criação de um ecossistema comunicativo e também social em que a aliança entre educomunicação e educação contextualizada trazem ao território um novo olhar para si e asseguram um debate necessário sobre um novo significado do que é esse território e do quê e quem o constrói.

Inúmeros desafios se apresentam para que haja a efetivação de um currículo educ comunicativo e contextualizado no território do sisal, penso que um dos maiores a serem enfrentados é a formação de professores e professoras aptas a aplicar essas metodologias e práticas em seus métodos de ensino. Mesmo sendo um território que possui a universidade pública desempenhando o papel de mais importante formadora do corpo docente, é possível notar, a partir da minha presença junto ao Atravessando Muros no ambiente escolar, a resistência do corpo docente da escola em se aproximar das tecnologias e meios digitais, mesmo tendo passado um período durante a pandemia em ensino remoto ou híbrido. Os diálogos sobre a inserção de tecnologia se davam apenas a partir da discussão de qual plataforma digital utilizar para aplicação das aulas e a utilização enquanto ferramenta geradora de conteúdo, formadora de opinião e avaliativa era esquecida ou invisibilizada.

Entre diálogos e observações do uso das tecnologias de informação nas escolas, é perceptível o medo e insegurança por parte do corpo docente e gestores das escolas, pois nas salas de aula é reforçada a hierarquia de poder sobre o conhecimento, o que não é possível após inserção de tecnologias digitais, pois os alunos e alunas, na maioria das vezes, possuem mais conhecimento e domínio sobre a prática, o que não acontece com os professores e professoras por não terem sido formados com um modelo de educação horizontal e tecnológico.

Se aliarmos a prática do alunado no uso das tecnologias e a mediação dos professores e professoras sobre conteúdos pedagógicos, culturais e sociais, é possível iniciar um novo modelo de ensino em que haja espaço para todos e todas, mas tudo isso unido a fomento por parte dos poderes públicos competentes, possibilitando formação aos professores e professoras, instrumentalização do ambiente escolar e ampliação nas políticas de acesso e permanência à escola.

É preciso pensar a apropriação das novas tecnologias na perspectiva da articulação de linguagem. É preciso repensar as práticas de linguagens desenvolvidas nos espaços educativos. É preciso redimensionar padrões de interação nas salas de aula: romper uma repetição da palavra autorizada/consentida no sentido de tornar mais significativas as práticas pedagógicas (BARRETO, 2002 p. 43).

Tendo em vista esses desafios a serem enfrentados, é necessário, primeiramente, que a população ocupe esses espaços de poder que são capazes de dialogar, forçar ou (re)construir políticas públicas que viabilizem essas mudanças. Essa estratégia tem sido a do Revolution Reggae, ao longo de anos, com a tentativa de eleição de um dos fundadores da associação ao poder legislativo de Conceição do Coité, mas a corrida eleitoral é ainda mais difícil para uma maioria esteticamente marginalizada e socialmente hostilizada por quem já ocupa o poder.

Xande Revolution, o candidato da associação nunca foi eleito, apenas ocupou a cadeira legislativa como vereador suplente em alguns anos, o que foi e é motivo de orgulho do povo periférico que impulsionou suas candidaturas e que segue ao seu lado para que o Revolution Reggae siga lutando.

Outra estratégia traçada pelos movimentos sociais de Conceição do Coité e de todo território tem sido impulsionar o ingresso e formação de novos professores e professoras na universidade, que leve consigo o desejo de ampliar debates transversais para, dentro das escolas, reforçar a importância da educação contextualizada para o fortalecimento do território. Segundo Elmo de Souza Lima (2008, p. 98) “construir uma proposta de educação contextualizada no semiárido exige que os professores procurem re-aprender a aprender para poder ajudar o seu aluno/a a tornar-se um aluno pesquisador de sua realidade”. Além da formação de novos professores, é extremamente necessário a inserção das práticas educacionais aliada a educação contextualizada nos currículos de formação dos professores e professoras já atuantes no território, assim como o fortalecimento dessa discussão na universidade.

Por mais que a universidade tenha sido um agente importante para a formação educacional nos movimentos sociais, é necessário resgatar a ligação dos cursos de graduação do território com esses movimentos pois, por mais que a universidade tenha a técnica e o conceito consigo, são os movimentos sociais que fazem o uso das práticas educacionais chegar até as comunidades. Acredito que pela forma de

atuação menos burocrática e objetivos mais alinhados com as necessidades das comunidades que são público-alvo das ações.

A incorporação de alunos/as universitários/as nos movimentos sociais também é uma estratégia de difusão da educomunicação nas comunidades e escolas do território. Mas é necessário que esses/as alunos/as tenham acesso às discussões educacionais desde seu ingresso na universidade para que consigam levar a metodologia como prática para os movimentos e que consigam também dialogar com a universidade sobre qual modelo educacional é aceito e construído nesse território pelas comunidades envolvidas nas ações dos movimentos sociais.

A universidade precisa adotar um caminho mais social e político em suas ações educacionais, pois é ato político propor uma nova estratégia de organização e ensino em espaços tomados pela hierarquia e senso de poder, como tem sido as escolas municipais e estaduais.

Para isso, é necessária uma estrutura curricular capaz de dar conta dessas relações e uma movimentação departamental para que a educomunicação seja vista como possibilidade nessa construção de estratégia. Assim como os movimentos sociais, é necessário que a universidade “infiltre” em seus cursos de licenciatura projetos que sejam multiplicadores das práticas educacionais entre seus pares. A educomunicação sisaleira é uma metodologia que visa o sentido de pertencimento para o território e renovação para a universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a educomunicação em uma perspectiva do território do sisal ao longo do trabalho permitiu que eu pudesse me enxergar enquanto uma educadora, que tem suas práticas alinhadas à educação que o território precisa, contextualizada e socialmente engajada com as minorias.

Considerando o trabalho até aqui escrito, é possível identificar duas características da educação sisaleira: uma prática essencialmente de resistência que deve ser usada como ferramenta para prática da liberdade e uma estratégia de (re)organização territorial. A educação sisaleira, mesmo sendo usada por organizações governamentais como a universidade, deve ser aplicada de forma horizontal e com intuito transformar o ambiente em um ecossistema comunicativo participativo que respeite as diferenças e impulse a diversidade.

Partindo desse ponto, é importante afirmar que se uma instituição deseja utilizar da educação como prática de liberdade para outros grupos, comunidades ou instituições é necessário que primeiro faça a aplicação e reestruturação de seu próprio ecossistema antes de aplicá-lo externamente.

É notório que o objetivo do uso da educação é uma estratégia de fortalecimento do território e uma ferramenta para a construção de novas narrativas sobre os povos que aqui vivem. Além da emancipação política e econômica, que até hoje tem estado nas mãos de oligarquias. A partir da atuação dos movimentos sociais analisados no decorrer do trabalho, é possível notar a ligação da educação como prática de aplicação de uma educação contextualizada, que valoriza o território e suas características.

A análise a partir da prática dos movimentos sociais só foi possível através de uma escuta ativa das entrevistadas do MOC e Revolution Reggae. Ser uma boa entrevistadora requer várias estratégias, mas a que me guiou durante essas entrevistas foi a de saber ouvir que a educação me ensinou enquanto monitora do Atravessando Muros.

Ao longo deste trabalho foi possível perceber o caráter político da educação sisaleira, pois a mesma se propõe a gerir uma nova forma de organização social empregada à realidade precária do Território do Sisal no que diz respeito a políticas de fomento de novas propostas sociais de organização a partir das margens da cidade.

Enquanto mulher negra vinda de uma periferia rural foi muito mais fácil enxergar os caminhos traçados pelos movimentos como possibilidade, pois é uma proposta que vai de encontro à necessidade de jovens e adolescentes que eu tinha. Propor uma nova forma de ver e tratar o mundo requer um esforço gigantesco e por isso é necessário que essas propostas cheguem a pessoas que não vivam bem ou de forma digna no modelo de mundo/lugar/território que temos, para que haja, de fato, um reconhecimento de que mudanças são necessárias.

O acesso aos estudos sobre educomunicação na universidade fortaleceu minhas práticas enquanto movimento social e vice-versa. Por isso, acredito que a união desses espaços trará ao território um caminho mais profícuo para a aplicação da educomunicação, tanto nas escolas quanto nas comunidades, a fim de alcançar o objetivo principal que é fortalecer o território e gerar novas possibilidades de permanecer nele.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Patrícia da Silva; PAIVA, Carla Conceição da Silva. Educomunicação contextualizada no semiárido brasileiro. **Revista ComSertões**, v. 11, n. 1, p. 37-60, 2022.
- BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologias na sala de aula. In: LEITE, Márcia; FILÉ, Valter (Orgs.). **Subjetividades, tecnologias e linguagens**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo, Edições Paulinas, 2011
- CUNHA, Vaninha. **Coordenadora do Consórcio das Juventudes**. Entrevista concedida a Taila Sena. Conceição do Coité, 2022.
- FARIAS, Lia Moreira; MARQUESAN, Fábio Freitas Schilling. Educação (contextualizada) no semiárido nordestino. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**, 2016.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- HORTA ALVES, Patrícia. Gênese teórica e prática da Educomunicação. ALVES, Patrícia Horta. Gênese teórica e prática da educomunicação. Santos: **Intercom**, 2007.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1.ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, Elmo de Souza. Educação Contextualizada no Semi-árido: reconstruindo saberes e tecendo sonhos. **Caderno Multidisciplinar**, v. 02, p. 37-47, 2006.
- _____. **A formação continuada de professores no Semi-árido: valorizando experiências, reconstruindo valores e tecendo sonhos**. 2008. 240f. Dissertação. (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.
- MARQUES, Paulo César Pedroza; BORGES, João José Santana. Educomunicação: origens e conexões de uma nova área de conhecimento. In: **III Congresso Nacional de Educação**, Natal-RN. Anais III CONEDU, 2016.
- MARTINS, Josemar. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o semi-árido. In: **RESAB. Educação para a convivência com o semi-árido: reflexões teórico-práticas**. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006. p. 37-66.

PEDROZA, Paulo; MOREIRA, Gislene. Da Teoria à Prática: Uma Experiência de Educomunicação no Sertão. **Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, João Pessoa – PB, 2014.

ROCHA, Vera. **Atravessando muros: um diálogo possível entre a universidade e o ensino médio**. SIP, 2022

SILVA, Keu. **Entrevista com a presidente da associação Revolution Reggae concedida a Taila Sena**. Conceição do Coité, 2022.

SILVA, Nyara Cunha da; SANTANA, Rachel Pinto de. Dialogando sobre o direito à comunicação e a educomunicação como metodologia no ensino aprendizagem. In: DUARTE, Ana Paula; CARNEIRO, Vera Maria (Orgs). **Contribuição para construção de um currículo contextualizado para o semiárido**. Feira de Santana: Curviana, 2013.

SOARES, Donizete. **Educomunicação: o que é isto**. Gens Instituto de Educação e Cultura. São Paulo: Creative Common Orgs, 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, Brasil, n. 19, p. 12–24, 2000.

_____. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo, Edições Paulinas, 2011.

_____. **Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina**. Brasília: IPEA, 2013. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002442869.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2022.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Projeto do curso de graduação em Comunicação Social – Rádio e TV - bacharelado (redimensionado)**. Conceição do Coité – BA, 2012.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM VANINHA CUNHA

Técnica do MOC e Coordenadora do Consórcio das Juventudes
Realizada em 28/10/2022

T: Como iniciaram as atividades educomunicativas na instituição?

V: Eu entrei no MOC em 2017. O MOC que estava completando 50 anos de resistência de luta por um semiárido mais justo dentro da missão e da pauta que aborda, Tinha um programa de comunicação, área voltada para agricultura familiar que acompanha os agricultores economia solidária, educação contextualizada e de comunicação dentro desses programas, a gente tinha três eixos, que era o eixo de institucional que faz essa parte de visibilidade da instituição de divulgar as ações que são feitas e tudo mais e o processo de educomunicação. Então eles já existia quando eu cheguei no MOC já era eixo desse programa de comunicação que acontecia no processo de formação com criança adolescentes e jovem da dos projetos de atuação do MOC então o que é que acontece, esse processo de comunicação unido a educação se torna esse processo de educomunicação de formar a partir da comunicação trazer peças de comunicação, de trazer produções de comunicação. Nesse programa a gente já fazia para algumas comunidades comunicação com produção, boletim, vídeos, de raça, de gênero, enfim várias outras questões então a gente traziam para comunidade. O terceiro eixo é trabalhar a democratização da comunicação com outros parceiros, então coletivos redes que fortaleceram esse processo da democratização da comunicação e essa comunicação como base é a comunicação popular, comunitária, é uma comunicação mais humana, mais verdadeira, mais feita junto com as pessoas e com o povo. Com esse processo então eu continuei até mais ou menos um ano dentro desse processo do programa e aí a instituição decidiu redesenhar os programas muitas questões internas e aí redesenhou e o programa de comunicação passou a ser um departamento do setor institucional e a gente redesenha o programa de gênero colocando também direitos da juventude que era algo mais periódico, tava em todos os programas mas acabamos não tendo um lugar específico a gente traz esse lugar da juventude para o programa de gênero, geração de igualdade racial e nesse desenho também é um programa de comunicação deixou de existir enquanto programa, enquanto a área programática mas ele se desloca para o programa que já existia que existe que é o programa institucional um braço direito deste programa, atualmente é assim.

T: O que é o Consórcio das Juventudes, e como funciona?

V: Vou contar a história do consórcio da juventude, ele é a junção das experiências expertise em defesa de direitos voltado pra criança e adolescentes a partir do desenvolvimento sustentável a partir também da educação contextualizada e da proteção aos direitos que tem apoio de três organizações onde a maior é a SASOP- Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais, e então essa entidade que nos apoia já apoiava três organizações em outros projetos e em 2019 a TDH - Terre Des Homme, provocou essas três organizações a trabalhar em conjunto dentro de um

projeto único de um consórcio que é o que a gente veio construindo, então em 2019 a gente começou nos primeiros passos de elaborar um projeto consorciado com apoio da TDH, então 2019 estivemos com o objetivo de fazer junto com a juventude, não era só as organizações fazendo.

O público alvo do consórcio hoje não é só juventude, apesar do nome. a gente trata com essa juventude porque a juventude está construindo esse projeto e hoje faz parte do processo de monitoramento, planejamento e avaliação do consórcio então não é só participar, é também fazer parte da gestão, então a gente elaborou esse projeto em 2019 trazendo jovens das comunidades dos municípios de atuação dessas três organizações para pensar junto esse projeto, então em alguns momentos eles voltaram para as comunidades e aplicava algum tipo de diagnóstico para ouvir também outros jovens, crianças, adolescentes e famílias, em relação às problemáticas, os sonhos, os anseios das pessoas e o que é que de fato esse projeto poderia agregar nessa linha, principalmente dos problemas existentes nas comunidades rurais, então em 2019 a gente elabora esse projeto com essa turma de 30 jovem, 10 jovens articulado por cada organização e a gente segue não com os 30 no processo de gestão mas a partir do terceiro encontro os próprios jovens escolhem duas lideranças um menino jovem e uma menina jovem e para seguir com a gente nessa equipe gestora do projeto e melhorar a escrita desse processo que precisava ser dentro da linha também de atuação da TDH. E então construímos esse projeto trazendo essa conexão, os elementos que foram trazidos pelos jovens a partir de diagnóstico desses três módulos de curso em 2019 e conectado ao foco da TDH que a gente tem hoje construído o projeto com três objetivos, quatro com o processo de gestão mas a primeira linha é trabalhar participação social e protagonismo, esse processo de auto-organização da juventude na linha de entender sobre a questão dos direitos das crianças e adolescentes principalmente nos espaços de tomada de decisões sobre as suas próprias vidas então há esse incentivo de incidência.

O segundo objetivo é o da educação, peguei um estudo que hoje tem há muitos anos, quer dizer desde quando eu cheguei já existia, é a metodologia do CAT, que é conhecido por transformar a realidade do campo, a fase tem outra metodologia que é pedagogia da alternância, então a gente traz esse processo, intercambia, faz os intercambio, as trocas para a gente estar trabalhando dentro dessa linha também, então nesse objetivo a gente não envolve só a criança e o adolescente mas educadores, professores, a sociedade civil para trabalhar sobre algumas faltas voltadas para essa educação de fato contextualizada, com educação que trabalha das crianças aos adolescentes, que trabalha com vivência. Muita escola convencional às vezes faz o aluno sentir vergonha de morar no campo, de morar em uma comunidade rural ou diz que aquele lugar é de atraso, para você ser gente você precisa sair dali, então trabalhamos muito nessa linha de mostrar o oposto.

E o terceiro objetivo a gente tem na linha da proteção contra as violências, contra a violação de direitos que é o objetivo que a gente trabalha a questão das desigualdades, da questão dos preconceitos, da questão da violação de direitos de fato contra a criança e adolescentes e jovens. E o quarto objetivo a gente faz o processo da gestão, é um objetivo que a gente trabalha à gestão do próprio consórcio

entendendo o que é essa gestão, o que é um projeto que tem um orçamento compartilhado com associados, então a gente tenta entender e avançar nesse processo e a partir de 2021 a gente começa a executar o projeto quadrinal que é um projeto apoiado pela TDH durante 4 anos, a gente tá no segundo ano de execução do projeto quadrinal 2020, quando a gente começou a experimentar a demos de cara com a pandemia, então foi um início muito desafiador muito complicado porque a gente precisou se reinventar no mundo virtual, a gente tinha que desenhar o projeto todo ali presencial e a gente precisou fazer tudo no mundo virtual mas para nossa surpresa, apesar do desafio do distanciamento a gente conseguiu fazer formações virtuais e a partir dessas formações a gente construiu a carta política para trabalhar naquele ano 2020 nas eleições municipais e hoje a gente atualizou em 2021 para usar essa carga também a nível de eleições a presidência e os deputados, a gente sai em 2020 com alguns materiais também, peças de comunicação, envolvimento da juventude em live, então a gente percebeu o quanto os jovens também são potentes nesse processo de comunicação, tentamos voltar ao presencial e sair das ondas virtuais no final de 2021 e a gente conseguiu fazer algumas ações a nível comunitário, presencial com todos os cuidados mas a gente retomou mesmo as ações presenciais agora em 2022, já fizemos dois encontros presenciais e muito na linha dentro desses três objetivos e então dentro do objetivo de educação contextualizada a gente tem as ações de educomunicação.

T: Os jovens que compõem o consórcio são em sua maioria homens ou mulheres?

V: Eu não consigo dizer a quantidade de meninos e meninas, mas o foco é pra ser todos. E o público depende da articulação com as comunidades. Tem muito essa dinâmica porque depende da disponibilidade de crianças, adolescentes e jovens. Então volta e meia eles se afastam por estar estudando, trabalhando e outros se aproximam então a gente fica nessa dinâmica.

T: Como o Consórcio utiliza a educomunicação em suas ações? Como iniciaram as atividades educacionais? O motivo dessa escolha?

V: Então, eu acho que o próprio exemplo é como eu te falei a educomunicação ela é uma ferramenta, uma metodologia e tá dentro das ações do consórcio mas precisamente no segundo objetivo, que é o objetivo que a gente trabalha com educação contextualizada e trabalhamos com a educação a partir da sua realidade, da sua base, entendemos que a comunicação ela é necessária para a gente contar nesse processo educacional a partir daquela realidade, então quando a gente para em 2020 nesse mundo virtual a gente sabe que a gente precisa se atentar mais ao comunicacional também, então o que a gente construiu em 2020 não era a nível de consórcio, mas do próprio eixo de juventudes do MOC que teve boletins informativos construído pelos jovens sobre temáticas voltadas para pandemia ou para a juventude. Dentro do processo do Consórcio das Juventudes a gente desenvolveu algumas cartilhas na questão da divisão justa de trabalho e sobre violência doméstica, o MOC que também fez uma cartilha na questão do enfrentamento a violência contra meninas e mulheres, a gente tem uma cartilha sobre a educação contextualizada, e todos esses

produtos além dos produtos virtuais como vídeo, podcast então todos esse processo de peças de comunicação ou uso em algum tipo de plataforma desse mundo digital a gente parte da educação, não fazemos uma comunicação isolada, olha vamos fazer uma peça e a gente vai usar qualquer tema, não... a gente sempre tem um tema sempre trabalhado, a gente traz algo formativo para educar, para trocar aprendizados dentro de alguma temática que a gente acha importante naquilo que a gente tem como objetivo no eixo de juventude que é auto organização, a participação social, a luta desses jovens para que consiga desenvolver seus projetos de vida e que tenha de fato escolhas de sair ou ficar no campo e se ficar, ter uma vida digna, então a gente trabalha a partir desse processo da educomunicação que é uma base importante, é uma metodologia, é uma ferramenta, um instrumento de potência mesmo dentro do consórcio e acredito que dentro do MOC também, para a gente trabalhar a comunicação e ao mesmo tempo a educação que é contextualizada.

T:Quais objetivos do consórcio já foram alcançados a partir de práticas educacionais?

V:O que a gente tem de ação, produção de educação é dentro dos três objetivos que foram bem desenvolvidos, mas como eu te falei o eixo que trabalha e que a gente fez inclusive um processo formativo de Educação é o eixo dois, que é o eixo da educação contextualizada então dentro desse eixo a gente conseguiu cumprir o objetivo de trabalhar educação não só como essa ferramenta de potencializar um conteúdo mas trabalhar de fato o que ela é, a sua importância e como isso pode fomentar a vida dessa juventude, os projetos de juventude, então esse segundo encontro que a gente fez do coletivo de juventude porque o consórcio tem funcionamento de duas formas: a gente tem ações coletivas, ações consorciadas que a gente junta os 30 jovens, jovens das três organizações para a gente desenvolver uma ação e a partir dessas ações do coletivo a gente se desdobra para fazer as ações e organização dentro do território de atuação, então a gente fez o segundo encontro em Juazeiro nas temática da educação a gente teve a possibilidade de ir para a participação de uma experiência do Carrapicho Virtual, que uma experiência lá de Juazeiro da região de Salitre se eu não me engano, que fazem esse trabalho com a educação de desenvolver várias ações de cines itinerantes na comunidade, de boletins informativos, então a gente trouxe essa experiência para trabalhar a educação dentro desse encontro e dentro do que foi acontecendo no encontro, que também teve outras temáticas a trabalhar. Os próprios jovens fizeram como resultado do encontro alguns produtos de comunicação então alguns fizeram formas contextualizando aquele encontro e outros fizeram vídeo, outros fizeram um cartaz e como se fosse uma espécie de boletim, então acontecendo de fato na prática. Então dentro desse segundo objetivo embora nos outros aconteça de forma de produção mesmo, olha a gente vai produzir uma cartilha na linha da divisão justa do trabalho do médico que está no terceiro objetivo então isso é educação é uma peça de comunicação trazendo temática, uma questão importante que você trabalha.

T: Quais dificuldades encontradas pelo grupo na aplicação dessas práticas no território?

V: Taila, o contexto que a gente vivencia hoje e todo o contexto que a gente vem de perda de direitos a partir de 2016, no golpe da presidente Dilma, as instituições elas sofrem uma queda de orçamentária mesmo de projeto, a gente não tem hoje um projeto federal. Há muitos desafios, de você conseguir um orçamento pra trabalhar comunicação, então assim, é muito desafiador não temos um projeto que trabalhe diretamente educomunicação e então essa metodologia é trabalhada dentro dos processos educativos e processos de enfrentamento às violências, de auto organização, como o próprio Moc já diz, movimento que organiza as comunidades para que mobilize e para que lute pelos seus direitos, para que lute pra que os governos de fato garantam políticas públicas, que façam acessar esses direitos a educação, saúde, lazer, enfim. Há sim uma deficiência de ter um financiamento, ter um projeto. Hoje os projetos que a gente tem são projeto de orçamento curto, olha com esse contexto esses financiadores diminui o recurso e diminuindo recurso a gente diminui ações, atividades, fomentos dentro de todos os contextos e também no contexto do trabalho com educomunicação então além desses desafios que as organizações enfrentam desse contexto de desmonte de direito, de desmonte de políticas de projetos e de cada vês mais deficiência nesse sentido, a gente busca muito e procurar projetos. Agora mesmo estamos desenvolvendo um projeto com a CESE, um projeto curto, rápido, mas que a gente fica buscando essa capitalização de recursos também para manter em ativa e inclusive é um projeto voltado para o mundo digital que trabalha o protagonismo da juventude. E é muito desafiador e difícil. As juventudes tem hoje muita dificuldade de acesso a internet nas comunidades e tem dificuldade de ter um aparelho celular que de fato consiga produzir uma comunicação, uma prática de educomunicação, um vídeo legal, alimentar uma rede social a partir do protagonismo, então são desafios imensos e o contexto, o cenário influência pra ter cada vez mais desafios. Espero que isso mude.

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM KEU SILVA

Atual Presidente da Associação Comunitária Beneficente Revolution Reggae
Realizada em 31/10/2022

T: Como inicia a relação do Revolution com a educomunicação?

K: Com Educação desde o início quando começou a pensar a instituição, o Revolution como instituição, enquanto a associação. A educação sempre esteve presente nas formações em espaços informais e em relação à comunicação acredito que no início de 2008 quando foi pensado uma candidatura política de Xande que aí começamos a perceber que precisava trabalhar comunicação acredito que foi se aprofundando com parcerias com a UNEB como a rádio web do revolution os adolescentes participavam das formações depois aplicavam depois teve a revolução da gente onde teve oficina que ensinavam a usar Corel Draw, Excel e vários programas ligados a tecnologia da informática tem um caminho desde 2008 para cá.

T: Como iniciaram as atividades educacionais na instituição? Há quanto tempo vocês trabalham com educomunicação?

K: Desde quando começamos a pensar na Revolução da Gente em 2013, que vai se pensar por exemplo que não adiantava os meninos participarem de uma oficina Corel draw, do uso do computador em si, uso dos meios de comunicação e das redes sociais por usar, tinha formação sobre construção política sobre quem eles eram, onde estavam e tudo isso eu acredito envolve esse processo da educomunicação para além disso os meninos que participavam dessas oficinas eles também estavam atrelados a outras formações, outros projetos, outras conexões, outras redes. Depois nós vamos nos aprofundando dentro do programa da UNEB e entender que a voz da periferia precisava ser ampliada com a rádio revolution e aí os meninos quando iam produzir conteúdos da rádio eles tinham que pensar que não seria qualquer conteúdo, existia um propósito então isso é uma formação de educação e era a comunicação ao mesmo tempo.

T: Como a associação trabalha as práticas educacionais em suas ações?

K: Eu vou fazer uma análise bem empírica eu acho que desde quando os estudantes de comunicação social tem se aproximado do revolution dentro das parcerias com a associação a comunicação se tornou uma estratégia essencial para a gente pensar a construção da equidade para além do território para além de Coité. A comunicação ela é estratégia para expandir e aí dentro desse lugar olhar é pensar que essa comunicação ela está atrelada a uma identidade do povo negro ela está atrelada a denúncia ela tá atrelada a várias questões que estão ligadas a esse universo racial de comunidades rurais de comunidades periféricas. Desde esse processo que foi bem tímido do pessoal da comunicação do curso de comunicação social mas que começa em 2011 e que aos poucos vai se afunilando e essa relação vai se intensificando e hoje a gente vê que muitos da comunicação social da Uneb faz parte inclusive da estrutura da associação, então a gente percebe por exemplo o Instagram hoje tem

conteúdo formativo, e vários outros projetos, a intervenção do Não sou Suspeito e muitas coisas que vamos vendendo e amadurecendo essa ideia de comunicação dentro da instituição a gente entende que não é de uma hora pra outra, tem coisas que a gente precisa substituir é essa comunicação precisa sempre de algo como objetivo. A educomunicação tá nesse lugar que não é direto mas que vai passeando dentro dos setores e da história da instituição.

T: Qual público alvo das ações da associação?

K: Dentro de um recorte de idade a gente tem uma boa parcela da juventude que são contempladas dentro dessas iniciativas, adolescentes e jovens. E dentro de uma categoria de gênero eu acho que uma maioria foram as mulheres, embora pareça que exista muita participação masculina a gente tem certeza que dentro do público beneficiado tem sido as mulheres porque elas ocupam um papel muito importante e pensando na categoria de território tem sido jovens dos bairros periféricos. Porque das comunidades rurais a gente tem se aproximado agora com intervenções tímidas, no assentamento, quilombo, mas em sua maioria são os bairros periféricos urbanos de coité mesmo.

T: Quais dificuldades encontradas pelo grupo para efetivação de práticas educacionais?

K: Obstáculo de hoje é a captação de recursos para garantir tanta sustentabilidade da instituição e também garantir que essas pessoas que têm feito essas intervenções elas sejam reconhecidas financeiramente pelo que executa e aí como a gente tem essa dificuldade de capital recurso porque por exemplo o audiovisual na nossa região é tão tímido que eu acho que hoje é o maior desafio.

Se a gente garantir um recurso para dar continuidade a um projeto tudo fica mais fácil porque capital humano a gente tem, temos muitos profissionais de alta qualidade então se a gente tivesse esse recurso esses profissionais não precisaria estar se dividindo em um trabalho convencional, estariam atuando na instituição e recebendo um salário com valores que vão de acordo com as intervenções.

T: Quais objetivos da associação foram alcançados a partir de práticas educacionais?

K: Ver os jovens que participaram das formações, hoje ocupando outros espaços. Lembro muito de John ele era o símbolo do jovem rebelde que se envolveu no tráfico que passou por várias coisas, teve passagem na polícia e a partir de informações sobre o Corel draw, assume o papel dentro da instituição do evolution cria A marca dele e começa a produzir camisetas para instituição e vendia para todo mundo. A morte de John foi uma perda muito grande, mas a gente consegue perceber a intervenção dessa comunicação de identidade na mudança dele. Outro jovem por exemplo, Kilombola, que a partir de um processo de formação de educomunicação ele se apaixonou por fotografia e por muito tempo ele tem sim desafiado até esse olhar mais crítico sobre o povo preto e tem trazido vários conceitos dentro das fotografias e tantas outras pessoas, o filho de Xande que hoje faz o curso de comunicação social na UNEB

que com certeza tem um pouco das provocações do revolution na forma de fazer comunicação e isso também reflete. Fora o debate muito importante que contribuiu para que a gente pudesse denunciar várias coisas e que não dá para a gente quantificar mas interfere diretamente na vida das pessoas. Em olhar para um Barreiros da vida e não ser visto só como referência de violência mais de um lugar que hoje tem uma instituição que é referência e isso tá ligada a autoestima daquelas pessoas e várias outras pessoas. Eu acho que também o reconhecimento para além de Coité. o revolution conseguiu, têm conseguido, ampliar esse debate e hoje se tornou referência na questão racial no território do sisal e na Bahia, acho que isso é por ter uma comunicação como principal ferramenta, perceber as redes sociais como lugar de estratégia, desde de quando produzimos o bloco do revoluttion e produzimos um DVD onde as pessoas compravam e disseminavam em coité a movimentação do reggae, desde a camisa que é uma estratégia da comunicação de pertencimento e de mostrar que a gente resiste. Em outros lugares que a gente chega, por exemplo em Santa Catarina, um cara com a camisa do revoluttion. Então tudo isso eu entendo como a importância de uma comunicação de identificação de um povo. Se o revoluttion não representasse tanto as pessoas ninguém ia querer usar uma camisa ou comprar um DVD, seguir nas redes sociais ou compartilhar a ideia essencial do que é o Revoluttion, a marca do Revoluttion.